

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM HISTÓRIA

CARLA ZANETTE BIF

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA COLÔNIA NOVA VENEZA (SC):
UMA ABORDAGEM DE HISTÓRIA AMBIENTAL**

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2009.

CARLA ZANETTE BIF

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA COLÔNIA NOVA VENEZA (SC):
UMA ABORDAGEM DE HISTÓRIA AMBIENTAL**

Trabalho de conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Licenciatura e Bacharel em História, no
Curso de Licenciatura e Bacharelado em
História da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientador: Dr. Carlos Renato Carola

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2009.

CARLA ZANETTE BIF

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA COLÔNIA NOVA VENEZA (SC):
UMA ABORDAGEM DE HISTÓRIA AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharel em História, no curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de pesquisa em História Ambiental.

Criciúma, 09 Dezembro de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Renato Carola - Doutor - (Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC) Orientador

Prof. Geraldo Milioli – Doutor - (Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC)

Prof. Paulo Sérgio Osório – Mestre - (Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC)

Dedico esse trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor orientador, Carlos Renato Carola pela disponibilidade em auxiliar a pesquisa e principalmente pelo conhecimento repassado. A todos os professores do curso de história, com os quais eu aprendi muito durante os anos de realização do curso. Ao Programa de Iniciação Científica – PIBIC, que concedeu bolsa para a realização de projetos de pesquisa que muito auxiliou no desenvolvimento desta pesquisa. Aos companheiros de pesquisa que compartilharam seus conhecimentos e suas descobertas. E por fim, agradeço a minha família e o meu namorado pelo apoio que sempre deram.

“A história florestal corretamente entendida é, em todo o planeta, uma história de exploração e destruição. O homem reduz o mundo natural a “paisagem” – entornos domesticados, aparados e moldados para se adequarem a algum uso prático ou à estética convencional – ou também, o que é ainda mais assustador, a “espaço” – planícies desertas aplainadas a rolo compressor e sobre as quais o extremo do narcisismo da espécie se consagra em edificações. As intervenções humanas quase nunca realizam as expectativas humanas. Seus campos se empobrecem, seus pastos se tornam magros e lenhosos, suas cidades entram em colapso. O mundo natural, simplificado, em desacordo com os desejos humanos, mas em respostas a seus atos, converte-se em uma enorme macega cosmopolita de luto”.

Warren Dean

RESUMO

Este trabalho procura analisar a colonização da colônia Nova Veneza a partir da perspectiva da história ambiental. Esta colônia chamada Nova Veneza foi fundada no final do século XIX surgindo a partir do interesse de uma empresa de colonização privada. Esta empresa tinha o objetivo de desenvolver um núcleo colonial agrícola que gerasse progresso para a região e para o estado de Santa Catarina. Os imigrantes oriundos da Europa, a grande maioria da Itália, se estabeleceram na colônia e desenvolveram a agricultura para o seu sustento. Essa atividade juntamente com a necessidade de construir suas moradias provocou impactos na mata que ali se encontrava, além de ter ocorrido o confronto com os nativos da tribo dos Xokleng considerados um povo inferior. O trabalho faz uma análise de obras que discutem a questão da colonização na perspectiva ambiental e tradicional, além de analisar alguns lugares de memória e documentos de Nova Veneza.

Palavras-chave: Colonização. Natureza. Nova Veneza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pintura de Pedro Weingartner, retratando a colônia de Nova Veneza em 1893.....	28
Figura 2 – Foto do Monumento ao imigrante, criado em 1991.....	34
Figura 3 – Foto da Praça Pietro Bortolotto, criada em 2004.....	34
Figura 4 – Foto do Museu do imigrante, criado em 1991.....	35
Figura 5 – Foto das ferramentas dos imigrantes encontradas do museu do imigrante.....	36
Figura 6 – Foto dos tapeadores encontrados no museu do imigrante.....	36
Figura 7 – Foto dos rifles encontrados no museu do imigrante.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 UMA ABORDAGEM AMBIENTAL SOBRE COLONIZAÇÃO E AGRICULTURA	11
2.1 Colonização e natureza na historiografia regional.....	14
2.2 O desenvolvimento da agricultura na Mata Atlântica	18
2.3 Sensibilidade ambiental do século XIX	23
3 A EXPERIÊNCIA COLONIAL DE NOVA VENEZA	26
3.1 O conflito com os índios Xoklengs.....	29
3.2 Trabalho, progresso e natureza: o diário da colônia de Nova Veneza	31
3.3 Lugares de Memória: as representações dos “pioneiros” nos monumentos oficiais	33
4 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O crescente problema ambiental tem despertado o interesse de muitas áreas do conhecimento para a discussão do assunto. A história por sua vez, desenvolveu a perspectiva da história ambiental para analisar os danos causados pelos processos históricos ao meio ambiente. Partindo desse interesse em discutir a colonização de Nova Veneza*, município situado no sul de Santa Catarina, de modo a mostrar os impactos ambientais provocados na natureza, é que este trabalho se constitui.

Marcos Lobato Martins afirma que “a história ambiental tem como objetivo “colocar a sociedade na natureza”¹. Ou seja, ele defende a importância que a natureza tem no contexto da história da sociedade. Ele diz ainda que “a natureza não existe em razão dos seres humanos”² e que por isso tem sua trajetória a seguir independente do homem. Porém há muito tempo o homem vem interferindo no curso natural do meio ambiente provocando inúmeros impactos negativos para a existência dele próprio e dos demais seres vivos. Martins espera que através da história ambiental o homem desperte a sua consciência ecológica e comece a agir para mudar os seus hábitos que tanto mal fazem ao meio ambiente. Vários acontecimentos nos mostram o perigo que é essa pretensão do homem de querer a todo custo ficar acima da força da natureza, pois como diz Martins “a natureza sempre reserva alguma surpresa: uma força incontrolável, uma doença desconhecida, um recurso imprevisto”³.

Ao discutir sobre a relação dos homens com a natureza na Inglaterra, Keith Thomas afirma que “na Inglaterra dos períodos Tudor e Stuart, a visão tradicional era que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades”⁴. Essa visão predominou em diversos outros países que também se apropriaram da natureza como se ela existisse somente para servir aos seres humanos. Thomas faz uma crítica a esse pensamento e mostra que ele foi sendo desconstruído com o passar dos anos.

* Nova Veneza está situada na região sul de Santa Catarina. A cidade faz divisa com Criciúma, Forquilha, Siderópolis, Meleiro, Morro Grande e São José dos Ausentes (Rio Grande de Sul).

¹ MARTINS, Marcos Lobato. *História e meio ambiente*. Minas Gerais: Annablume, 2006. p. 22.

² *Ibidem*, p. 22.

³ *Ibidem*, p. 28.

Influenciados pelo pensamento europeu, alguns brasileiros que estudaram na Europa passaram a fazer críticas ao modelo de destruição das florestas brasileiras.

Seguindo o objetivo de discutir a colonização a partir da perspectiva da história ambiental o trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro discute os conceitos de colonização e agricultura, analisa a colonização e a natureza contida na historiográfica catarinense, discute o desenvolvimento da agricultura na mata atlântica e a sensibilidade ambiental no século XIX. Para a construção deste capítulo são utilizados autores catarinenses e autores que utilizam à perspectiva da história ambiental. Também são utilizados relatórios e mensagens da província de Santa Catarina no século XIX, e uma reportagem de jornal que expressa uma sensibilidade ambiental em Santa Catarina.

O segundo capítulo traz uma análise da experiência colonial de Nova Veneza. O capítulo utiliza-se de documentos como o diário de contabilidade da Companhia Metropolitana, pintura que retrata a colônia no século XIX, monumentos e lugares de memória da cidade de Nova Veneza. O capítulo procura mostrar como foi se construindo a colônia Nova Veneza e os problemas ambientais provocados pela chegada dos colonos. O capítulo traz ainda uma discussão sobre o conflito dos colonos com os índios xoklengs.

Este trabalho é resultado da pesquisa feita para o projeto de iniciação científica – PIBIC (UNESC). O envolvimento neste projeto despertou o interesse para aprofundar ainda mais o assunto e assim escrever este trabalho. Muitos dos documentos utilizados foram encontrados durante a pesquisa do PIBIC. O diário de contabilidade da Companhia Metropolitana, por exemplo, foi encontrado no escritório da Metropolitana que está situado na praça Nereu Ramos de Criciúma. A reportagem de jornal foi encontrada durante a pesquisa feita na biblioteca estadual de Santa Catarina, localizada em Florianópolis. Além destes lugares, foram realizadas pesquisas no museu do imigrante e na prefeitura municipal de Nova Veneza, onde foi encontrado a pintura que retrata a colônia no século XIX.

⁴ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 21.

2 UMA ABORDAGEM AMBIENTAL SOBRE COLONIZAÇÃO E AGRICULTURA

O processo de colonização no Brasil transformou profundamente a paisagem natural do território. A interferência dos colonizadores nas matas do território indígena foi devastadora logo nos primeiros anos da presença dos europeus. Inicialmente os europeus exploraram os recursos naturais, estabelecendo também, mais tarde, uma política de colonização. Esta por sua vez, intensificou ainda mais o processo de destruição, pois para receber os novos colonizadores foi necessário abrir espaço na mata e espantar os indígenas que habitavam nela.

Alfredo Bosi diz que a palavra colonização se derivou do verbo latino *colo*, e que a palavra “*Colo* significou, na língua de Roma, *eu moro, eu ocupo a terra, e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo*”.⁵ Dessa forma podemos entender que colonização significa morar e trabalhar em um determinado lugar. Isso foi o que aconteceu com muitos europeus que imigraram para o Brasil no século XIX. Saíram de sua terra de origem para se estabelecerem em uma outra região muito distante da que habitavam. Bosi discute o conceito de colonização no sentido de exploração e domínio sobre a natureza, afirma que o colonizador nunca se vê como um conquistador, mas como um pioneiro do progresso.

O traço grosso da dominação é inerente às diversas formas de colonizar e, quase sempre, as sobredetermina. *Tomar conta de*, sentido básico de *colo*, importa não só em *cuidar*, mas também em *mandar*. Nem sempre, é verdade, o colonizador se verá a si mesmo como a um simples conquistador, então buscará passar aos descendentes a imagem do descobridor e do povoador, títulos a que, enquanto pioneiro, faria jus.⁶

A colonização do Brasil foi um fator que contribuiu muito para a destruição e poluição dos rios e florestas. A chegada de novos moradores ocasionou a necessidade de abertura de áreas na floresta. E à medida que novos colonizadores foram chegando, o tamanho da destruição aumentava na mesma proporção. Mas isso não era visto como problema pelas autoridades, pois o que eles almejavam era ver o país crescer economicamente a qualquer custo. A mata que estivesse no caminho desse desejo pelo progresso era posta ao chão sem a menor preocupação com os efeitos negativos que isso poderia trazer futuramente.

⁵ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 11.

⁶ *Ibidem*, p. 12.

Em “Um sopro de destruição”, Pádua mostra uma crítica ambiental em relação a este tipo de devastação. Segundo ele:

Os colonizadores, de toda forma, logo perceberam que a exploração direta da natureza seria o principal eixo da busca por riquezas nessa parte da América. As sociedades indígenas locais, apesar do seu conhecimento da biodiversidade nativa, não despertavam um grande interesse econômico, se comparadas com as complexas estruturas produtivas e tecnológicas encontradas pelos espanhóis na Mesoamérica e nos Andes. Mas a base natural do território era exuberante e de acesso relativamente fácil. A vontade de explorá-la, de maneira mais agressiva que fosse possível, marcou o nascimento do Brasil como entidade política.⁷

Pádua demonstra a vontade dos colonizadores em explorar a natureza para que através dela pudessem adquirir riquezas. Ele diz ainda que as populações que já habitavam o território embora tenham se relacionado com o ecossistema presente, não produziram uma destruição ambiental tão grande quanto à produzida pelos colonizadores europeus.⁸ Para os indígenas a natureza não era vista como um campo de exploração. Eles extraíam da natureza o necessário para a sua sobrevivência e não para o seu enriquecimento.

A partir da independência política do Brasil no século XIX, o empreendimento colonial passa para o controle do governo brasileiro. Raymundo Laranjeira classifica a colonização em duas formas: a primeira que parte por iniciativa oficial, ou seja, o governo é quem se responsabiliza em organizar o núcleo colonial. E a segunda parte do interesse particular, ficando a cargo da empresa de colonização organizar todo o núcleo colonial.⁹ As duas formas apresentam a mesma finalidade que é ocupar um território e desenvolver nele alguma atividade econômica que gere o desenvolvimento da área ocupada.

A colonização de algumas áreas de Santa Catarina seguiu o modelo de colonização privada. Neste modelo, a responsabilidade de organizar toda a estrutura necessária além de trazer os imigrantes ficava a cargo da companhia de colonização. Sobre as colônias privadas, Mauricio Selau afirma que:

De maneira geral a administração das colônias privadas, caracterizava-se por um rígido controle da contabilidade, dos investimentos, dos empréstimos

⁷ PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista* (1786-1888). 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 72.

⁸ *Ibidem*, p. 71.

⁹ LARANJEIRA, Raimundo. *Colonização e Reforma agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 28-29.

feitos aos colonos, dos pagamentos realizados, produzindo, inclusive, mapas detalhados onde constava o nome de cada colono e o respectivo lote onde o mesmo estava estabelecido. Também era verdadeiro que a presença do diretor transmitia maior segurança aos recém-chegados que se sentiam confortados com o empenho do diretor em atendê-los, entretanto, não é menos verdadeiro que o controle sobre as atividades destes imigrantes era bastante rígido no tocante ao pagamento das dívidas e, por conseguinte o peso das mesmas era oneroso ao colono. Não devemos esquecer que estas colônias por vezes não cumpriam com o que fora anunciado na propaganda como, por exemplo, o caso das atafonas na colônia Grão Pará.¹⁰

Preocupados em organizar as colônias de modo que progredissem, as empresas de colonização e autoridades não demonstraram qualquer preocupação com o impacto que provocariam na natureza da região. O colono era obrigado a fazer a derrubada da mata caso contrário tinha sua ajuda de custo cortada. Também precisava limpar o terreno e iniciar sua plantação para pagar suas dívidas com a empresa de colonização.

Sobre a colonização do Rio Grande do Sul, Juliana Bublitz e Silvio Marcus de Souza Correa discutem as conseqüências ambientais provocadas no estado gaúcho. Eles afirmam que a colonização provocou uma “domesticação da natureza” de caráter não apenas econômico, mas também religioso. A dominação sobre a natureza feita pelos colonos é vista por muitos como o impulso decisivo para o progresso do estado. Porém é comum encontrar na história tradicional do Rio Grande do Sul uma falta de sensibilidade com relação aos custos ambientais provocados pelo progresso. A respeito disso, Bublitz e Correa afirmam que:

Apesar dos índices econômicos e sociais por meio dos quais sempre se ratificou a importância da colonização para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, persiste uma lacuna discursiva na análise do tema. Trata-se do impacto ambiental da colonização. Ao comemorar 180 anos de colonização alemã no estado, cabe perguntar quanto resta da cobertura vegetal nativa no estado. Com base nos dados do Inventário Florestal Contínuo do Rio Grande do Sul (2001), realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 1982 havia apenas 5,6% do total de mata nativa que um dia cobriu o estado. Atualmente, após um período de regeneração, a cobertura florestal é de 17,5%, mas trata-se principalmente de vegetação secundária. A imigração e a colonização européias, especialmente a alemã e italiana, foram responsáveis pela destruição de uma vegetação e de uma biodiversidade cujo impacto ambiental ainda não foi avaliado. Nesse sentido, o paradigma do desenvolvimento sustentável sugere uma revisão

¹⁰ SELAU, Mauricio da Silva. *A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no Sul Catarinense (1875-1925): Resistência e Extermínio*. Florianópolis, SC: UFSC. Dissertação de Mestrado em História. p. 99.

historiográfica na qual a dimensão ambiental se apresenta em complexidade com a dimensão socioeconômica.¹¹

Bublitz e Correa também analisam a visão que a elite no século XIX tinha a respeito da resistência que os indígenas tentaram impor. Para a elite brasileira da época, qualquer manifestação que contrariasse os seus interesses de civilizar o Brasil era tida como “bárbara”. O que essa elite não foi capaz de compreender, e que os indígenas defendiam, é que a colonização não só ocuparia um espaço já ocupado, mas também provocaria danos na natureza. Os indígenas sabiam mais do que ninguém o quanto precisavam da natureza para sobreviver, talvez por isso não foram agentes tão destruidores.

No século XIX, poucos eram aqueles que se opunham no campo político, artístico ou científico à colonização européia. A resistência indígena e de muitos caboclos e quilombolas refugiados nas matas à chegada dos colonos foi sempre tida como um conjunto de manifestações bárbaras ao avanço inexorável da civilização, nunca como defesa não apenas de si mesmos, mas também dos recursos naturais indispensáveis à sua sobrevivência e que se escasseavam com os golpes de machado e com as queimadas.¹²

A história tradicional procura sempre exaltar os grandes feitos dos homens, deixando muitas vezes de lado, os custos negativos de suas conquistas. A natureza nessa perspectiva é descrita como cenário e recurso a ser explorado pelo homem ou ainda como um empecilho para os mesmos. A versão oficial da colonização não se preocupa em contar a história de modo a conscientizar as pessoas em preservar os ecossistemas naturais. Somente quando os problemas ambientais começaram a se agravar no século XX, sentiu-se então a necessidade de escrever uma história que levasse em conta os impactos provocados pelas ações dos homens sobre a natureza.

2.1 Colonização e natureza na historiografia regional

¹¹ BUBLITZ, Juliana; CORREA, Silvio Marcus de Souza. *Terra de promessa: uma história da colonização do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ed Universidade de Passo Fundo, Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2006. p. 52-53.

¹² *Ibidem*, p. 36.

A região sul de Santa Catarina se diferenciou um pouco do modelo de colonização e prática agrícola que predominou no Brasil, porém não pode ser considerado como um modelo muito menos destrutivo. O que ocorreu na região sul foi uma colonização não tanto por necessidade de mão-de-obra, mas por ocupação de espaços. Enquanto que no resto do Brasil a mão-obra-obra escrava era muito usada, Tamás Szmrecsányi diz que a região sul permaneceu fora dessa “lavoura escravista de exportação”.¹³ Muitos historiadores, inclusive Szmrecsányi, dizem que essa característica se deve ao fato de que a região sul foi colonizada em grande parte por europeus. Szmrecsányi diz ainda que a agricultura brasileira tomou outro rumo após a independência do Brasil, e que:

Os colonizadores que aqui foram se estabelecendo vieram não para refazer suas vidas nos mesmos moldes que os vigentes em seu país de origem, mas para fazer fortuna procurando extrair o máximo tanto da natureza como dos que trabalharam para eles no menor tempo necessário.¹⁴

Muitos dos colonizadores que vieram para o Brasil, vinham motivados pelo sonho de adquirir riquezas. Achavam que aqui seria possível conseguir o que não conseguiram em seus países de origem. Porém muitos outros queriam apenas construir uma vida melhor em uma terra que lhes oferecesse o necessário para a sua sobrevivência e de sua família, já que em seu país de origem nem ao menos as necessidades básicas estavam sendo supridas.

Pe. Luigi Marzano que veio da Itália para Urussanga no final do século XIX e conviveu com os imigrantes italianos escreveu um livro a partir de sua convivência com os colonos. Marzano conta que:

Nos anos de 1876, 1877, 1878, circulares, jornais e conferencistas giravam pela Europa, especialmente na Itália, desenhando em cores de ouro e apontando como terra prometida a América e em modo particular o Brasil. Naqueles tempos a Itália nossa, passava uma crise dolorosa. Os partidos revolucionários perturbavam a península, impostos e taxas atingem sem remissão, a agricultura era descurada ou mantida por feudatários espoliadores, o pobre lavrador flagelado pela “pelagra”, (subnutrição), era incapaz de sustentar e alimentar sua família.¹⁵

¹³ SZMRECSÁNYI, Tamás. *Pequena história da agricultura no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1990. p. 15.

¹⁴ *Ibidem*, p. 12.

¹⁵ MARZANO, Luigi; tradução de João Leonir Dall’Alba. *Colonos e missionários na floresta do Brasil*. Florianópolis: Ed. da UFSC / Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985. p. 54.

Na visão de Marzano, a situação na Itália na segunda metade do século XIX não era das melhores. O país passava por sérios problemas econômicos e sociais. Essa situação é que motivou os imigrantes a irem buscar condições de vida melhores em outro lugar. A região sul catarinense recebeu uma grande parte destes imigrantes, e a partir deles colônias foram fundadas.

Uma dessas colônias que foram fundadas com imigrantes italianos foi Urussanga. Essa colônia começou a receber imigrantes em 1878, e segundo Mons. Agenor Neves Marques “os colonos recém chegados ficaram perplexos e quase em pânico, pois o eldorado com que sonhavam não era propriamente uma floresta virgem, inculta e misteriosa”.¹⁶ Marques retrata a chegada do colono como se a realidade encontrada nada tinha a ver com o sonho que motivou a longa viagem do imigrante. Na visão dele ao se depararem com uma natureza quase que intocada, o colono se assustou com aquela situação, pois não era o habitat a que estavam acostumados. Tudo ali lhes era desconhecido e isso despertou o medo no colono.

Mons. Marques traz uma interessante comparação entre paisagem cultural e paisagem natural quando retrata o habitat dos imigrantes italianos comparando-o com a paisagem encontrada pelos imigrantes em Urussanga. Ele diz que:

Os majestosos arcos de triunfo emoldurados de rendas são no momento escuras cavernas enfloradas de orquídeas e gravatais. As estilizadas torres bordadas de gárgulas e cornijas são agora aos seus olhos gigantescas árvores jamais vistas até então. Os leões de mármore, postados imóveis no adro de suas catedrais, transformaram-se de repente em feras de verdade a rugir na misteriosa floresta virgem. As estátuas brancas, que povoavam seus parques e jardins, espelhando-se graciosas no azul das piscinas, repentinamente criam o novo e terrível aspectos de vultos bronzeados, esgueirando-se nus e sinuosos sob o docel da mata.¹⁷

Para o colono que estava inserido em uma sociedade que há centenas de anos vinha modificando a paisagem natural de seu território, se deparar com uma paisagem quase que intocada causou ao mesmo tempo temor e esperança. Temor pelo aspecto selvagem da natureza americana e esperança pelo que ela poderia lhes proporcionar.

Marzano também fala sobre a paisagem encontrada pelo colono. Segundo ele, “para quem nunca pôs os pés em tais florestas, torna-se impossível fazer-se uma idéia do grandioso conjunto e severo espetáculo que elas oferecem à vista do

¹⁶ MARQUES, Monsenhor Agenor Neves. *Imigração Italiana. Edição Comemorativa do Centenário de Urussanga. 1878-1978*. Urussanga: Gráfica Ribeiro, 1978. p. 52.

visitante. Aqui tudo é vegetação luxuriante”.¹⁸ Na visão de Marzano o colono é um inimigo da floresta porque destrói sem sentir compaixão. O resultado dessa destruição é o lucro que o colono vai ter com a plantação que irá fazer no lugar onde antes havia uma floresta.¹⁹

Otília Arns, ao escrever sobre a história de Criciúma, revela um desejo de valorizar os diferentes grupos étnicos que colonizaram Criciúma. Segunda a mesma, Criciúma deve o seu desenvolvimento a cinco grupos étnicos: italianos, poloneses, lusos, negros e alemães.²⁰ Ao tratar sobre a natureza que os colonizadores encontram, Arns revela uma flora e uma fauna repleta de variedades para ser explorada pelo colono. Além das árvores que poderiam servir de madeira, ela também cita os animais que serviam de “petiscos” para os colonizadores.²¹

Arns também menciona as riquezas naturais, tal como o carvão e argila que proporcionaram a Criciúma desenvolvimento econômico. Porém a mesma não menciona as conseqüências ao meio ambiente provocada por essa exploração. O desejo e a exaltação ao progresso é fato constante em sua obra.

A terra-prodígio que fora destinada aos imigrantes italianos, poloneses, lusos, negros e alemães, reservava em seu subsolo as riquezas que foram a causa geradora do progresso material que projetou Criciúma para as esferas estadual, federal e mesmo internacional. O carvão e a argila, extraídos do solo, atraíram mão-de-obra e propiciaram condições de emprego necessário para o sustento de tantas famílias²².

Mons. Quinto Davide Baldessar ao falar sobre a vida e o cotidiano dos primeiros imigrantes italianos que chegaram à região sul de Santa Catarina, mais especificamente em Urussanga e Nova Veneza diz que o imigrante tem uma história cheia de sofrimentos e trabalho.

Teoricamente ser imigrante poderá parecer uma maravilhosa aventura, mas a realidade nua e crua a respeito dele não tem nada de poético e sim muito de sofrimento, de privações, de doenças, de trabalho, de suor, de lágrimas e de sangue²³.

¹⁷ Ibidem, p.53.

¹⁸ MARZANO, 1985, p. 118.

¹⁹ Ibidem, p. 118.

²⁰ ARNS, Otília. *Criciúma 1880-1980: “A semente deu bons frutos”*. IOES: Florianópolis, 1985. p. 27.

²¹ Ibidem, p. 50.

²² Ibidem, p. 50.

²³ BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. *Imigrantes: sua história, costumes e tradições no processo de colonização no Sul do Estado de Santa Catarina*. Brasília, 1991. p. 17.

A figura do imigrante na obra do Mons. Quinto Baldessar é descrita como alguém que passou por muitas dificuldades e que conseguiu superá-las. Baldessar fala que a colonização de Urussanga e Nova Veneza se diferenciaram um pouco, pois, “os imigrantes de Nova Veneza vieram mais bem equipados e de bolsos mais recheados do que os de Urussanga. A Lei Glicério, também os favoreceu e com isso o dinheiro lhes sobrou”.²⁴

A respeito da relação com a natureza, Baldessar fala que o imigrante não sabia derrubar árvores na floresta. Vieram com a promessa que em Urussanga teriam um mestre, coisa que não aconteceu. Havia árvores gigantescas, e para derrubá-las era necessário que antes limpassem o terreno ao seu redor, de forma que não atrapalhasse a visão para a árvore maior. Se isso não era feito corria-se o risco da árvore cair sobre quem estava cortando.²⁵ A derrubada da mata não era tarefa das mais simples, e o colono não estava acostumado com essa função. Teve que aprender na prática como dominar aquele ambiente repleto de árvores e animais.

2.2 O desenvolvimento da agricultura na Mata Atlântica

A política colonizadora brasileira do século XIX introduziu no Brasil milhares de imigrantes. A colonização foi motivada pela falta de mão-de-obra para trabalhar na lavoura e pela necessidade de ocupar áreas consideradas improdutivas, que em muitos casos já estavam habitadas por sociedades indígenas. Os imigrantes que vieram para ocupar espaços considerados “vazios” e fundar colônias, como é o caso da região sul do Brasil, logo desenvolveram a agricultura para garantir o sustento de sua família e comercializá-lo quando isso era possível. A partir do momento em que o imigrante precisou derrubar a mata para construir sua moradia e iniciar suas plantações o ecossistema começou a sofrer alterações danosas.

A relação do homem com a natureza nos tempos em que a prática agrícola ainda não era conhecida, como é o caso dos nativos americanos, possuía um equilíbrio ecológico, pois os mesmos coletavam e caçavam para poder se

²⁴ Ibidem, p. 212.

²⁵ Ibidem, p. 60-61.

alimentar. Tal costume não interferia tanto no meio ambiente, pois se consumia apenas aquilo que a natureza oferecia naturalmente sem que para isso fosse necessário modificá-la. A respeito do surgimento da agricultura a cerca de dez mil anos atrás, Clive Ponting diz que:

A adoção da agricultura foi à mudança mais fundamental da história humana. Não só produziu pela primeira vez as sociedades estabelecidas, como também mudou radicalmente a própria sociedade. Os grupos de caça e de colheita eram essencialmente igualitários, mas as comunidades sedentárias, quase que desde o início, resultaram em uma especialização crescente dentro da sociedade e o surgimento de elites religiosas, políticas e militares e um estado com o poder de dirigir o resto da sociedade²⁶.

Como podemos perceber a adoção da agricultura foi a responsável pelo aparecimento das elites da sociedade. Isso porque estes passaram a ter domínio sobre a terra direcionando o seu uso para as plantações. Como nem todos eram possuidores de terras, logo teve aqueles que precisaram se submeter às ordens de quem as tinha. Pois não vivendo mais como nômades necessitavam da agricultura para sobreviver.

Ponting diz ainda que o desenvolvimento da agricultura “provoca a destruição do ecossistema natural, de modo a criar um hábitat artificial onde os seres humanos possam fazer crescer suas plantas e estocar os animais que quiserem”.²⁷ A criação de um “hábitat artificial” prejudica o ecossistema de modo a torná-lo um refém das ações dos homens. À medida que as populações foram crescendo, foi se tornando necessário aumentar o tamanho desses “hábitats artificiais” prejudicando ainda mais o ecossistema. Em muitos casos foram totalmente destruídos para darem lugar as plantações.

O desenvolvimento da Agricultura na Mata Atlântica que iniciou com a chegada dos colonizadores europeus no Brasil no século XVI foi desde o início destrutiva para a mesma. A técnica de queimar a área que seria utilizada para o plantio foi à causadora de muita destruição e extinção de espécies. Está técnica era implantada não apenas para abrir espaço na floresta, mais também servia como forma de fertilizar a terra para o plantio. A respeito disso o historiador Waren Dean diz que no século XVI:

²⁶ PONTING, Clive. *Uma História verde do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995. p. 100-101.

²⁷ *Ibidem*, p. 126.

A adoção da agricultura transformou radicalmente a relação dos homens com a floresta. O que havia sido um recurso residual, produto inferior para os caçadores-coletores, queimado por descuido ou acidente quando se tocava ou atraía a caça, agora se tornava seu principal hábitat. Descobriram que os solos do cerrado eram demasiado arenoso, secos, ácidos e saturados de alumínio para cultivar. A agricultura era muito mais viável nos solos das florestas. Desde o começo, a agricultura na região da Mata Atlântica – de fato, em todas as áreas de baixada do continente – exigiu o sacrifício da floresta. A técnica era extremamente simples: perto do fim da estação seca, a macega de uma faixa de floresta – um hectare mais ou menos – era cortada e deixada secar, e, por meio de machados de pedra retirava-se um anel da casaca dos troncos das árvores maiores. Então, um pouco antes da chegada das chuvas, a área era queimada, fazendo com que a enorme quantidade de nutrientes na biomassa das florestas caísse sobre a terra na forma de cinzas. Algumas das árvores maiores que houvessem resistido ao incêndio permaneciam, chamuscadas, mas em pé. As chuvas drenavam os nutrientes para o interior do solo, neutralizando-o e ao mesmo tempo fertilizando-o. Procedia-se então ao plantio, sem qualquer utensílio além de um bastão de cavoucar. A floresta, que nunca antes havia sido queimada, não só ficava maravilhosamente fértil, mas também livre das sementes de plantas invasoras e, dessa forma, pouca capina era necessária.²⁸

O resultado da falta de sensibilidade de preservar aquilo que parecia inacabável foi trágico para a Mata Atlântica. Atualmente o que resta dela são pequenos fragmentos sendo que em muitos casos são reflorestados. Ainda hoje a prática da queimada é utilizada com o intuito de economizar tempo e agilizar a produção.

A Mata Atlântica que abrange uma parte do estado de Santa Catarina também sofreu com a exploração do homem. A situação se agravou com os projetos de colonização que trouxe para o estado diversos imigrantes principalmente a partir do século XIX. Para as autoridades ver a mata intocada não era lucrativo, pois o modelo de desenvolvimento difundido no século XIX era incompatível com a presença das florestas. A idéia de progresso motivou a destruição da vegetação nativa para dar lugar ao desenvolvimento das colônias. O poder público viu através da criação das colônias a possibilidade de ocupar os espaços considerados inabitados e improdutivos.

É possível percebermos em relatos de escritores que a terra catarinense era de boa qualidade, própria para o desenvolvimento da agricultura. Crispim Mirra fala que de forma geral as terras catarinenses são de “espantosa uberdade” onde é possível desenvolver:

²⁸ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: A história e a devastação da mata atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 44-45.

[...] admiravelmente todos os generos de cultura, e especialmente o arroz, o feijão, o milho, o trigo, a alfafa, o lúpulo, a cevada, a batata, o linho, o amendoim, a cebola, a canna de assucar, a mandioca, o algodão, o café e o fumo.²⁹ (sic!)

Mirra também menciona que “A flora catarinense é muito rica”, contendo uma grande variedade de madeira com valor comercial.³⁰ Essa visão de Mirra expressa a forma com que a natureza é vista no início do século XX. A terra é descrita para servir as plantações, já à flora é descrita como fonte de madeira. Tudo na natureza é visto como forma de gerar algum lucro.

A respeito das atividades econômicas desenvolvidas pelos imigrantes, Oswaldo Cabral afirma que a província de Santa Catarina não desenvolveu nenhuma atividade latifundiária. Sua produção agrícola sempre esteve voltada para a produção em pequenas propriedades. Os colonizadores da região produziam em pequenas quantidades, sendo que sua prioridade era produzir o necessário para a sobrevivência de sua família e algum excedente para comercializar.³¹ Ao contrário do interesse de muitos colonos, as autoridades catarinenses não queriam apenas uma produção de subsistência. Eles almejavam uma produção que pudesse ser exportada para fora do estado.

Com base em informações de relatórios e mensagens escritas pelas autoridades catarinenses é possível percebermos que havia uma constante preocupação em fazer o colono plantar, pois dessa forma seria possível fazer as colônias progredirem. Embora houvesse interesse pelo progresso das colônias, o governo não tinha recursos suficientes para modernizar as ferramentas e construir as estradas necessárias para uma produção mais lucrativa. Na fala do presidente da província de Santa Catarina do ano de 1852 encontra-se o seguinte relato sobre a lavoura:

Estacionaria se deve considerar a lavoura da Província, porque, com quanto tenha havido sensível augmento na produção das colonias de Itajahy, e Santa Isabel, tem ella diminuído em outros lugares. Falta de maquinas, que tornem mais barato os seus productos, não podem estes concorrerem com os iguaes das mais Províncias, melhor beneficiados, e não sugeitos como os desta ás grandes despezas de trasporte, pelo péssimo estado de nossas vias de communicação”. Dados os nossos lavradores quase exclusivamente ao cultivo da mandioca, despresão com perjuiso de seus interesses, a cultura dos outros generos, e tanto que o mesmo algudão, que tão bem

²⁹ MIRRA, Crispim. *Terra Catharinense*. Typ. da livraria Moderna, Florianópolis 1920. p. 219.

³⁰ *Ibidem*, p. 207-209.

³¹ CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Secretária de educação, 1968. p. 192.

produz esta Província, não chega para alimentar esses poucos teares, que ainda nos restão, e que em breve desaparecerão por não poderem competir com essas fabricas movidas a vapor, que abundão no Estrangeiro, e que se vão aclimantando n' aquellas províncias do Império, que com empenho procurão promover seus interesses materiaes.³² (sic!)

Nos relatórios da Província dos anos seguintes, encontram-se as mesmas queixas com relação à produção agrícola. A falta de mão-de-obra, de máquinas, de estradas e a rotina ultrapassada dos colonos são consideradas os responsáveis pelo atraso em que se encontrava a lavoura em toda a província. Os colonos desconheciam outra maneira de preparar a terra se não a prática de roçar e queimar. Além disso, possuíam poucas ferramentas, alguns possuíam apenas a enxada para auxiliarem em seus trabalhos.

De acordo com uma mensagem escrita por Felipe Schmidt em 1901:

Cuidar com verdadeira dedicação da lavoura catarinense é não só cumprir um dever de patriotismo como ir ao encontro do bem estar público, que só será uma realidade quando virmos seriamente aproveitada a uberdade do solo e conseqüentemente sahida dos produtos, que irão constituir lá fora os elementos primordiais da vida do estado³³. (sic!)

A mensagem do então governador de Santa Catarina expressa a visão que as autoridades tinham com relação à produção agrícola no estado. O governador afirma que o bem estar da população catarinense só acontecerá quando a agricultura for mais bem desenvolvida e produzir o bastante para exportar para fora do estado. Os “elementos primordiais” na qual se refere o governador revela o projeto de desenvolvimento agrícola que se almeja: uma agricultura voltada para o mercado nacional e internacional.

A busca pelo progresso e pela modernização são fatores muito fortes durante todo o século XIX e início do século XX. É possível perceber nos relatórios da província de Santa Catarina que se lamentava muito a falta desses aspectos em muitas colônias do estado. O meio ambiente apenas é mencionado como algo que serve aos interesses da busca pelo lucro e pelo desenvolvimento. A mentalidade do progresso predomina na província de Santa Catarina e também nas demais províncias do Brasil.

³² COUTINHO, José. Fala Dirigida a Assembléa Legislativa da Província de Santa Catarina, por ocasião da abertura da sua sessão ordinária em 1º de março de 1852. Cidade do Desterro. p. 18.

³³ SCHMITT, Felipe. Mensagem apresentada ao congresso representativo em 22 de julho de 1901. p. 18.

2.3 Sensibilidade ambiental do século XIX

No século XIX a sensibilidade ambiental no Brasil já existia entre alguns intelectuais. Pádua trás uma discussão sobre essa consciência presente entre alguns pensadores brasileiros que se manifestaram entre 1786 a 1888. Segundo Pádua, os críticos da degradação ambiental defendiam a natureza porque na visão deles:

Os recursos naturais constituíam o grande trunfo para o progresso futuro do país, devendo ser utilizado de forma inteligente e cuidadosa. A destruição e o desperdício dos mesmos eram considerados uma espécie de crime histórico, que deveria ser duramente combatido.³⁴

Através de uma longa pesquisa em diversos documentos e escritos, Pádua mostra que a sensibilidade ambiental não é algo recente como muitos acreditam que ela seja. No século XIX, ela estava presente em discursos de muitos intelectuais que viam a destruição do ambiente natural como um “preço do atraso” e não como um “preço do progresso”.³⁵

Em Santa Catarina também encontramos algumas demonstrações de consciência ambiental no século XIX. Prova disso é a reportagem do jornal “Gazeta Lagunense” publicada no final do século XIX, fazendo uma denúncia das conseqüências do desmatamento na cidade de Laguna em 1893. A reportagem diz o seguinte:

No interesse de contribuirmos com os nossos esforços para que se evite um mal que a todos nós, aqui residentes, pôde dentro em breve praso afflingir, principiaremos os nossos afins de empresa local, por chamar a atenção dos poderes competentes para o desmattamento horroroso que se opera impunemente nas cercanias desta cidade. Este facto é conhecido de todos; nem ha quem atravesse para o mar grosso, ou pelas vertentes dos nossos morros, que não tenha de esbarrar com indivíduos, homens, mulheres e crianças, na sua obra de destruição da nossa já bastante rarefeita matta. Pôde-se affirmar, sem receio de contestação, que mais de um terço da nossa população suppre-se de lenha tirada aqui mesmo nas nossas immediações. Mais algum tempo deste distruir constante, e chegaremos ao triste espectaculo de vermos as nossas vertentes absolutamente descalvadas. Ora, não há quem desconheça a influencia benéfica, que exercem as mattas na conservação e manutenção dos mananciais, por

³⁴ PÁDUA, 2004, p. 13.

³⁵ Ibidem, p. 13.

fórma a desaparecerem de todo estes, quando igualmente tiverem desaparecido aquellas.³⁶ (sic)

Para acabar com esse desmatamento, a reportagem chama a atenção das autoridades para que tomem alguma providência quando ao problema, pois alerta que a vegetação é de extrema importância para a saúde da população, bem como para garantir a água das nascentes.

Compete, pois, ás auctoridades, a cuja guarda está confiado o bem publico, tomar serias medidas no sentido de obstar a esse desmattamento, incontestavelmente funesto á população, que, afinal, terá de vir a soffrer escassez de água potável, ou, quando menos, não a terá tão boa, como agora. Não é de hoje a reclamação que aqui levantamos. Desde 1886 que a imprensa local faz sentir a necessidade de se impedir a destruição que lavra na vegetação dos nossos morros. O Echo Lagunense, semanário que aqui existio, em seu numero 48, de 22 de abril de 1886, assim se exprime a este respeito, fallando de hygiene publica: ... <<aproveitamos a ocasião para fazer notar a necessidade de impedir-se o desmattamento que, em grande escala, fazem os lenhadores nos morros que circumdam esta cidade. Certamente, não terá escapado á nossa população, máxime a certos moradores mais antigos e observadores, uma tal ou qual alteração tanto na quantidade, como na qualidade da nossa água potável que, não obstante ainda muito excellente. Já o foi muito mais e em maior abundancia. Pois bem; o que se está passando com este elemento precioso e de poderosa influencia, para a saude publica não é mais do que o effeito daquelle desmattamento de todos os dias. Além do muito que contribue para a salubridade local, sabe-se bem que a conservação das mattas impede a fácil evaporação da agua contida no solo, ... d' ahi nos garantir a permanencia daquelle elemento de primeira necessidade á nossa existência.³⁷ (sic!)

No final da reportagem, é pedido a Câmara Municipal da cidade que ao menos nas proximidades das nascentes proíba o desmatamento para que o abastecimento de água não seja prejudicado.

A Câmara Municipal, pelo menos, poderá obstar a que se faça lenha nas proximidades das nascentes que nos abastecem d'agua, e tambem ao longo dos regatos que a conduzem ao chafariz publico.>> Como o que ahi fica transcripto, concluiremos na convicção de não appelarmos em vão para os poderes competentes incumbidos de velar pelo bem publico.³⁸ (sic!)

A reportagem revela uma sensibilidade ambiental que havia entre alguns habitantes da cidade de Laguna no século XIX. O autor da reportagem denuncia que mata estava sendo destruída para servir de lenha a uma parte da população. Além

³⁶ DESMATAMENTO, Jornal Gazeta Lagunense. Laguna, 15 de set. de 1893. p. 1.

³⁷ Ibidem, p. 1.

³⁷ Ibidem, p. 1.

²³ Ibidem, p. 1.

disso, a reportagem chama atenção ao fato da água estar diminuindo por causa do desmatamento da vegetação dos morros. E alerta que em outros tempos ela havia em maior abundância, demonstrando assim as conseqüências do desmatamento ao longo dos anos em Laguna.

3 A EXPERIÊNCIA COLONIAL DE NOVA VENEZA

A história da colonização de Nova Veneza, assim como afirma Bortolotto, começa quando em 1890 o então Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Sr. Francisco Glicério cria a lei que autoriza empresas privadas a trazerem imigrantes estrangeiros para o Brasil. A lei que ficou conhecida como Lei de Glicério em função do ministro que a idealizou, garantia uma série de vantagens aos interessados em migrar para o Brasil.

A empresa de colonização que se responsabilizou pela criação da Colônia Nova Veneza foi a empresa Metropolitana, que encarregou Miguel Napoli a função de fundar e administrar a Colônia. O espaço escolhido para a criação do núcleo colonial foi na margem do Rio Mãe Luzia. Um rio que na época era limpo, possuía peixes e abastecia água para os colonos. Hoje este mesmo rio encontra-se totalmente poluído pela extração de carvão.

Para recrutar pessoas que estivessem interessadas em migrar para a Colônia Nova Veneza, foi divulgada na Itália uma propaganda ressaltando as vantagens e as características positivas da terra. O documento iniciava ressaltando os seguintes aspectos naturais:

Esta colônia recém-fundada no vale do Araranguá, no Estado de Santa Catarina, está situada a poucas léguas da sede do município de Araranguá e é limítrofe das florescentes colônias italianas de Criciúma, Accioli, Urussanga, Azambuja e Armazém. Com terrenos banhados pelo supracitado Rio, pelo Mãe-Luzia e por uma infinidade de outros pequenos cursos de água muito piscosos, são universalmente reconhecidos como sendo os melhores do estado, seja pela fertilidade do solo, seja pela suavidade do clima. Estão ainda recobertos por florestas virgens e só a madeira basta para pagar o terreno. Encontram-se neles muitos minérios, grande quantidade de árvores medicinais e há caça abundante de antas (tapir) tatetes, veados, lontras, pacas, coatis, lebres, tatus e os voláteis mais preciosos do Brasil.³⁹

Podemos observar neste documento que os recursos naturais que seriam encontrados na Colônia eram divulgados propositalmente para mostrar o quando havia para ser explorado. Os imigrantes que vislumbravam se deparar com essa fartura de recursos, provavelmente se motivaram a vir para o Brasil. Aliado a esses argumentos, a empresa de colonização garantia ainda apoio aos colonos nos seus

³⁹ Apud BALDESSAR, 1991. p. 203.

primeiros anos. Este apoio se mostraria mais tarde insuficiente para atender todas as necessidades do imigrante, mesmo assim a colônia sobreviveu e progrediu.

Os imigrantes que foram chegando a partir de 1891, encontraram muitos recursos naturais tal como havia sido prometido. Porém, para Baldessar a terra que havia sido prometida para os colonos não era de tão boa qualidade. A justificativa que ele aponta é de que:

Na realidade, Azambuja, Pedras Grandes, Urussanga, Siderópolis (Nova Beluna), Treviso, Jordão, boa parte de Nova Veneza são regiões montanhosas, ainda que suas montanhas não sejam tão pedregosas e íngremes como as do Vêneto. Mesmo havendo pedras sobre o terreno, ainda há entre elas, terra cultivável, mas que exige muito mais trabalho e fadigas. Necessariamente o trabalho terá que ser braçal, sem mesmo o concurso da tração animal na maior parte das terras cultivadas. Portanto a terra que nossos Imigrantes receberam não foi de boa qualidade, nem quanto à fertilidade, nem quanto à topografia, nem quanto à existência do elemento pedra. Todos são fatores que tornam a vida do colono bem mais dura, sacrificada e penosa.⁴⁰

Com a chegada dos colonos em Nova Veneza, muitas coisas precisaram ser feitas para garantir a sobrevivência dos mesmos. A primeira dela foi abrir um espaço entre a mata para construir suas moradias. Depois foram abrindo novas áreas na floresta para começarem as plantações. Diante de tantas necessidades, ninguém se preocupou em preservar aquilo que lhes parecia inacabável. Tantas eram as riquezas naturais que os colonos não viam motivos para não tirarem proveito de tudo o que pudessem.

A pintura de Pedro Weingartner de 1893 retratando a colônia de Nova Veneza nos possibilita ter uma idéia do que representou a chegada dos imigrantes para a natureza da região. O quadro mostra a paisagem montanhosa com um grande espaço aberto em meio à floresta, algumas construções e colonos. Essa obra é a única imagem feita no século XIX retratando a colônia. Através da pintura percebemos o impacto provocado no ambiente natural da região por causa das atividades dos imigrantes. Onde antes havia uma floresta, surge uma pequena colônia agrícola de imigrantes.

⁴⁰ BALDESSAR, 1991, p. 70.



Figura 1 - Pintura de Pedro Weingartner, retratando a colônia de Nova Veneza em 1893. Fonte: WEINGARTNER, Pedro. 1893. Disponível em: <http://www.defender.org.br/iphan-avalia-patrimonios-historicos-de-nova-veneza>. Acesso em: 15 out. 2009.

A preocupação das autoridades e dos empresários era conseguir que a região alcançasse o máximo de progresso possível. Era preciso construir estradas, indústrias e aumentar cada vez mais a produção agrícola para que seus objetivos fossem alcançados. Porém o que as fontes revelam é que houve muita destruição da natureza presente em Nova Veneza e desenvolvimento da região apenas nos primeiros anos. O progresso planejado pela companhia de colonização estabilizou após algum tempo. Um dos motivos foi a descoberta de carvão nas cidades próximas.

Segundo dados citados por Bortolotto, em 1894 os colonos de Nova Veneza produziam milho, feijão, arroz, trigo, fumo, cana de açúcar e criavam vacas, cavalos, cabras e galinhas em um bom número. Os colonos encontraram muita dificuldade nos primeiros anos. Muitas das promessas que haviam sido feitas a eles não foram cumpridas. A abertura de estradas como afirma Bortolotto foi feita pelos próprios colonos.

Em maio de 1894, quando Nova Veneza já estava dando seus primeiros passos com as próprias pernas, uma estatística publicada nos jornais dava conta de que na Colônia existiam 68,794 quilômetros de estradas e 328,730 quilômetros de caminhos vicinais já prontos. O que a estatística não disse, porém, é que quem construiu essas estradas e caminhos foram os próprios colonos às suas custas e expensas.⁴¹

Não apenas estradas os colonos abriram, mas também se encarregaram de realizar outras construções para o uso coletivo como escola, casas comerciais e igreja. Precisaram se virar do jeito que era possível, pois não dava para ficar esperando de braços cruzados as melhorias que eram necessárias. Os colonos possuíam um modelo de vida e queriam manter seus costumes.

A revolução Federalista que veio a ocorrer em 1893 provocou o fim da imigração para a Colônia Nova Veneza. Isso foi provocado pelo envolvimento do governo na revolução que deixou o país em condições financeiras ruins. O patrocínio que a colonização recebia teve que ser suspenso, acabando com os planos de povoar ainda mais a região. Os dois lados da revolução, Maragatos e Pica-paus, passaram pela colônia de Nova Veneza e recolheram o que puderam e precisavam, prometendo pagar no futuro. Tal compensação nunca ocorreu. A respeito das conseqüências da revolução na colônia Nova Veneza Baldessar diz que:

O plano da Companhia Metropolitana era instalar em Nova Veneza duas mil famílias, isto é, o dobro do que realmente ocorreu. No entanto a Metropolitana já planejava subir aos milhões o número de imigrantes por ela trazidos ao Brasil, caso as coisas permanecessem como estavam amparadas pela Lei Glicério. Tais mirabolantes planos se esboroaram no impacto inesperado da revolução entre os Maragatos e Pica-Paus ou Federalistas e Republicanos. Tal evento deixou o País em péssimas condições financeiras e por isso suspendeu todos os planos de colonização oficialmente patrocinados.⁴²

3.1 O conflito com os índios Xoklengs

Além das características já mencionadas, a história tradicional de Nova Veneza diz que os colonos encontraram também um fato que eles desconheciam. A região já estava habitada. Os índios Xoklengs classificados como “selvagens” por alguns, ocupavam o território que foi vendido ao imigrante. A empresa de colonização conhecia esse fato, porém se omitiu por saber que o interesse dos imigrantes diminuiria ao saberem da presença dos indígenas. Os ditos “selvagens” não eram vistos como seres humanos, eram qualificados como bichos, logo eles eram tratados sem nenhum respeito e consideração aos seus costumes. Os homens

⁴¹ BORTOLOTTI, Zulmar H. *História de Nova Veneza*. Nova Veneza, Prefeitura Municipal, 1992. p. 51-52.

⁴² BALDESSAR, 1991, p. 213.

“civilizados” consideravam sua cultura superior com relação à dos indígenas, e por isso se julgavam no direito de tomar a terra que já estava sendo ocupada.

Os imigrantes que colonizaram a região logo começaram a chamar todos os indígenas de bugres. O conflito entre eles foi inevitável e trágico, a ponto de dizimar e expulsar em pouco tempo todos os indígenas que habitavam a região do sul de Santa Catarina. A companhia Metropolitana e o governo procuraram esconder e proibir as publicações que falassem sobre a existência dos indígenas. Isso ocorreu pelo menos nos primeiros anos de colonização.

Muito embora, como é lícito supor, já os primeiros imigrantes da Colônia tenham se batido com os índios desde 1891, a primeira referência a respeito desses problemas só apareceu em 1895. Esse comportamento dos jornais é facilmente explicável: em 1895 já havia praticamente findado a imigração e eles estavam liberados para publicar sobre ataques indígenas. A proibição que existia antes visava esconder essas ocorrências, não só dos próprios imigrantes, que já se encontravam instalados, como também e principalmente, de futuros candidatos.⁴³

A respeito das conseqüências da chegada dos imigrantes para a tribo dos Xoklengs, Mauricio Selau diz que:

A cada nova geração e nova leva de imigrantes derrubava-se maior porção da floresta, gerando a diminuição da mesma. Porém, na floresta um grupo humano tinha o seu habitat tradicional. Trata-se dos Xokleng, que vêem os recursos necessários à sobrevivência serem diminuídos. Além disso, a caça ainda passava a ser disputada com os colonos que realizavam caçadas nas florestas próximas das colônias. Os Xokleng passaram, assim a buscar, também, os alimentos nas propriedades dos colonos. Estes reagiram às investidas dos Xokleng, iniciando-se assim os conflitos entre os dois grupos, Xokleng e colonos imigrantes, pela posse da terra.⁴⁴

A preservação da floresta para os Xoklengs era vital para a sua sobrevivência. Não só pelo fato de morarem em seu interior, mas também porque extraíam da floresta todos os suprimentos necessários para a sua sobrevivência. Os Xoklengs viviam da caça e da coleta e com a interferência dos colonos nas matas, a possibilidade dos Xoklengs conseguirem alimento diminuiu. Para compensar essa escassez decorrente da devastação das florestas, as tribos atacaram as propriedades dos colonos para conseguir o alimento que precisavam. Em outros casos atacavam por vingança ao ataque que sofriam dos próprios colonos.

⁴³ BORTOLOTTI, 1992, p. 63-64.

⁴⁴ SELAU, 2006, p. 106.

Selau afirma que os Xoklengs reagiram contra a invasão dos colonos de forma que se criou uma imagem dos Xoklengs como se eles fossem inimigos na disputa pelas terras. Os colonos não compreendiam que os Xoklengs não poderiam ficar parados esperando a sua própria destruição. A reação foi um ato de defender o seu espaço e conseqüentemente suas vidas. A derrubada da mata provocada pelos colonos, diminuía cada vez mais a área ocupada pelos Xoklengs. Em meio a isso, Selau afirma que:

A reação dos Xokleng se fez por meio de ataques que tinham como alvo os núcleos urbanos das colônias, as propriedades dos colonos e os trabalhadores responsáveis pelas medições de terras para implantação e expansão das colônias. Estes ataques foram vistos pelos imigrantes como um sinal de guerra e desde então se desenvolve nas áreas coloniais e nos núcleos urbanos do Sul Catarinense, uma idéia preconceituosa em relação aos indígenas procurando justificar uma ação violenta contra os mesmos.⁴⁵

O colono que tinha sua propriedade atacada achava que o Xokleng agia por selvageria. Era difícil para o colono, recém chegado de uma sociedade com uma cultura totalmente diferente entender as atitudes dos nativos. O que aconteceu entre colonos e Xoklengs foi um choque de cultura que acabou de forma trágica para os nativos.

3.2 Trabalho, progresso e natureza: o diário da colônia de Nova Veneza

O diário da administração da colônia Nova Veneza que pertencia à companhia Metropolitana traz algumas informações importantes a respeito do que foi feito nos primeiros anos na colônia Nova Veneza. O diário de contabilidade traz registros que começam em janeiro do ano de 1891 e vão até 1894. Os itens que aparecem registrados no ano de 1891 são entre outros, despesas com Miguel Napoli, despesas com medições e explorações, com médico, remédios, casas coloniais, alimentação de animais, ferragens, abertura de estradas, serrarias. Em 14 de novembro do mesmo ano há um registro da recepção feita aos colonos.

Nos anos seguintes começam a aparecer registros de novos itens. A semente é um elemento que aparece com freqüência bem como as ferramentas

necessárias para o trabalho agrícola. As sementes de milho são as primeiras a aparecerem no registro. O milho foi o principal alimento dos colonos nos primeiros anos. Ele era muito utilizado para fazer a polenta, que era muito consumida pelos colonos. Posteriormente aparecem também as sementes de trigo e arroz.

Um fato interessante constatado a partir do diário é que em troca de descontos em suas dívidas, muitos colonos ajudaram na abertura de estradas. Através da construção de estradas foi possível potencializar a exploração do ambiente natural. Construir estradas era de extrema importância para o progresso da colônia, pois através delas que a mercadoria produzida na colônia seria transportada para outras localidades. Sem a abertura de estrada, a produção da colônia ficaria restrita ao comércio da própria colônia.

O diário revela a presença de serraria, olaria, ferraria, ofafona e armazém em Nova Veneza e nas proximidades da colônia. Esses lugares eram muito importantes para fornecer os instrumentos, os alimentos e demais objetos que eram necessários aos colonos.

As principais ferramentas que foram utilizadas pelos colonos nos seus primeiros anos, segundo consta no livro são: Machado, foice, enxada, picareta, serra, pá. Essas ferramentas podem ser vistas como instrumentos de domesticação e exploração do ambiente natural da colônia, pois foi através destas ferramentas que os colonos derrubaram árvores, construíram suas moradias e plantações.

Os animais que constam no diário são: cavalo, boi, mula e porco. Eram utilizados para transporte e alimentação. O registro de criação de suínos aparece com frequência no diário da colônia. O porco era muito utilizado para a fabricação de banha e de toucinho.

Os trabalhos de bem feitorias na colônia eram remunerados pela companhia. No registro de março de 1894, por exemplo, consta às despesas que a companhia teve com os feitores que prestaram serviços á colônia.

O seguinte a Miguel Napoli s/ e de administração por importância das folhas de pagamento de diversos feitores nos meses de setembro, Outubro, novembro, dezembro (1893), janeiro, fevereiro (1894). A saber: Bem feitorias nas sedes, Estradas e caminhos, Casas coloniaes, Serraria Treviso, Ordenados Escriptorio, Serraria Veneza, Collocação Telephono, Ferraria e marcenaria, Ollaria N^a Veneza, Armazém de P. Grandes, Medições e explorações. ⁴⁶ (sic!)

⁴⁵ Ibidem, p. 15.

⁴⁶ METROPOLITANA. Diário da administração da Colônia Nova Veneza em Santa Catarina, 1894. p. 260.

No diário constam também as despesas com as viúvas que voltaram para Itália em virtude da morte de seus maridos. O seguinte registro demonstra essa preocupação da companhia de colonização. “Saída dos imigrantes: Ao senhor gerente do armazém de P. grandes despesas effectuadas para as viúvas que regressaram para Itália”.⁴⁷

Embora seja um livro de registros contábeis, o diário possibilita entender como a colônia de Nova Veneza foi se construindo nos seus primeiros anos. É possível perceber também qual era a cultura material que os colonos possuíam e as necessidades que foram supridas pela empresa responsável em organizá-los. Através dos registros, o diário revela uma forte preocupação principalmente com a construção de estradas. Sem as estradas não haveria progresso.

3.3 Lugares de Memória: as representações dos “pioneiros” nos monumentos oficiais

Heróis, pioneiros e desbravadores são os adjetivos que hoje a cidade de Nova Veneza faz questão de dar aos colonizadores italianos. Em várias partes da cidade percebe-se a presença de nomes de ruas, praças, monumentos e placas homenageando as famílias colonizadoras. Na praça central da cidade, por exemplo, encontra-se uma placa com o sobrenome de várias famílias italianas e uma estátua em homenagem ao primeiro médico da cidade. Ao redor da igreja São Marcos, há uma estátua e uma placa homenageando o padre Amílcar Gabriel. Em nenhuma parte da cidade encontra-se qualquer menção da existência de habitantes antes da chegada destes colonos. A historiografia regional por sua vez, sempre faz menção da presença dos índios.

Um dos monumentos que chama a atenção é o encontrado na praça central de Nova Veneza. É uma placa com os sobrenomes de todos os imigrantes que colonizaram Nova Veneza junto com uma canção escrita em italiano. Ainda nessa praça encontramos uma Gôndola que faz referência à cidade de Veneza, na Itália, embora ela nada tenha haver com a memória dos “pioneiros”. Na verdade ela é uma estratégia para atrair o turismo comercial.

⁴⁷ Ibidem, p. 148.



Figura 2 - Monumento ao imigrante, criado em 1991. Foto da autora. Data: 13/10/2009

Outra forma de homenagear o imigrante é através dos nomes das praças. Uma dessas praças que leva o nome de imigrante é a Praça Pietro Bortolotto. Nela se encontra um arco do triunfo feito em homenagem aos primeiros colonizadores com a seguinte frase: “Ao triunfo dos pioneiros”. Além de um busto do imigrante que dá nome a praça. Essa praça é um retrato vivo do orgulho que os venezianos têm de seus primeiros colonos. Além disso, retrata a conquista de terem conseguido sobreviver em meio à mata considerada selvagem e perigosa.



Figura 3 - Praça Pietro Bortolotto, criada em 2004. Foto da autora. Data: 23/04/2009

Um outro lugar de memória da cidade de Nova Veneza é o museu do imigrante. Ele está localizado ao lado da igreja matriz São Marcos e foi criado no ano

de 1991 em virtude da comemoração dos 100 anos da colonização de Nova Veneza. O museu abrange um acervo de peças doados por descendentes de imigrantes italianos, e é hoje um ponto turístico de referência da cidade. As peças que se encontram no museu são em sua totalidade relacionadas com as famílias que colonizaram Nova Veneza. Entre as peças encontram-se máquinas de costura, rádios, eletrodomésticos, máquina de escrever, telefones, louças, roupas, toalhas, objetos religiosos, ferramentas, entre outros.



Figura 4 - Museu do imigrante, criado em 1991. Foto da autora.
Data: 13/10/2009

Os objetos estão organizados conforme a sua função. Os objetos religiosos estão expostos num canto do museu em um número considerável. A grande maioria deles pertenceu ao padre Miguel Giacca que chegou a Nova Veneza em 1909 e ao Padre Almicar Gabriel que por mais de 50 anos esteve à frente da igreja São Marcos.

Esse espaço que guarda um pouco da cultura material dos habitantes de Nova Veneza também mostra através de algumas peças qual era a relação do colono com a natureza. Um dos espaços mais valorizados do museu é dedicado aos instrumentos de trabalho dos colonos “pioneiros”. Entretanto, na perspectiva ambiental a noção de “instrumentos de trabalho” também pode ser conceituada como instrumento de destruição e domesticação da natureza.

As ferramentas de trabalho estão organizadas todas juntas. São diversos serrotes, machadinhos, picareta, chave inglesa, plaina, inxó, furador, trado, esquadro entre outros. Chama a atenção o número de ferramentas que se encontram, e a

maneira que elas estão expostas. Provavelmente se orgulham muito delas, pois foi através de muitas das que estão ali que os imigrantes conseguiram “dominar a natureza” construindo suas casas, plantações e alcançaram o progresso.



Figura 5 - Ferramentas dos imigrantes encontrados do museu do imigrante.
Foto da autora. Data: 13/10/2009

Os tapeadores (serras grandes) que eram usados na derrubadas de árvores estão expostos de forma que chamam a atenção de quem entra no museu. Estão colocados um em cima do outro, pendurados por uma corrente no teto. Provavelmente foram estes os primeiros instrumentos utilizados para derrubar as árvores que estavam no caminho do progresso.



Figura 6 - Tapeadores encontrados no museu do imigrante. Foto da autora. Data: 13/10/2009

Outro instrumento utilizado pelo colono em sua relação com a natureza são os rifles. Estes eram utilizados provavelmente para afugentar ou até mesmo matar os animais e os índios Xoklengs que ocasionalmente aparecessem no caminho dos colonos. Esse instrumento era uma forma de garantir a segurança do colono e de sua família. Baldessar fala que os índios tinham respeito e pavor de trovões e relâmpagos porque acreditam que era um ente superior que estava se manifestando, e por isso também tinham muito medo do tiro da espingarda que causava um forte barulho ⁴⁸.



Figura 7 - Rifles encontrados no museu do imigrante.
Foto da autora. Data: 13/10/2009.

O museu não possui nenhum objeto ou qualquer menção com relação à presença dos Xoklengs que habitavam a região antes mesmo da chegada dos colonos. Alias esta é uma característica presente em toda a cidade. Entre os diferentes monumentos que a cidade de Nova Veneza possui nenhum deles retrata a existência dos Xoklengs. Todos homenageiam os “pioneiros”. Os livros e o portal da internet por sua vez, dão mais ênfase à história de massacre dos índios Xoklengs. Alguns expressando uma versão mais crítica, outros apenas mencionam a existência.

Essa característica de saudosismo e orgulho pela descendência é um fato que costuma aparecer em todos os locais onde ocorreu a imigração européia. Porém o que é difícil encontrar é uma história mais completa onde também se mencione e

⁴⁸ BALDESSAR, 1991, p. 157.

analise as conseqüências negativas que a colonização proporcionou. Esse desafio de mostrar o quanto se perdeu em “riquezas naturais” e culturais com a colonização é uma tarefa complexa, pois normalmente o que se encontra na historiografia são apenas os pontos positivos. Também é importante ressaltar que não cabe aqui um julgamento moral dos colonos, mais sim uma análise do empreendimento colonial.

4 CONCLUSÃO

Estamos vivendo um período da história em que se faz necessário repensar nossas atitudes com relação ao meio ambiente. A história ambiental mostra que o ser humano vem provocando impactos na natureza há muito tempo e que em nome do progresso o meio ambiente está sendo destruído. No Brasil, as críticas contra o desmatamento existem a um bom tempo, como mostra Pádua em sua discussão sobre o pensamento político e a crítica ambiental no Brasil. Porém isso não impediu a destruição das matas.

No caso de Santa Catarina, encontramos algumas críticas sobre o desmatamento em jornais e em alguns escritores. Ainda sim, a idéia de progresso e de desenvolvimento predomina tanto na historiografia catarinense, como nos jornais e documentos.

Com relação à formação das colônias que surgiram a partir da segunda metade do século XIX no Sul de Santa Catarina, percebemos que elas apresentam características em comum. Os colonizadores oriundos da Europa imigraram para o Brasil dispostos a construir uma vida melhor da que tinham em seu país de origem. As companhias de colonização se encarregaram de divulgar uma propaganda ressaltando principalmente os “recursos naturais” que encontrariam em terras brasileiras, omitindo que a terra já possuía habitantes.

A chegada dos colonos marca o início da devastação das florestas brasileiras. Os novos moradores necessitaram abrir caminho na mata, derrubar extensas áreas de florestas para que no local construíssem suas casas, plantações, comércios, igreja, escola enfim tudo o que possuíam em seu país de origem. Acostumados a viverem em um modelo de sociedade, tentaram recriá-la o máximo que puderam em terras brasileiras.

Anos se passaram e muitos descendentes de imigrantes ainda preservam alguns costumes de seus antepassados. Além disso, mantém o orgulho por serem descendentes de imigrantes retratando em alguns lugares da cidade homenagens aos primeiros imigrantes.

Algumas das colônias fundadas no final do século XX se desenvolveram mais que as outras. Por muito tempo se lamentou essa falta de desenvolvimento,

porém hoje as cidades que se mantiveram “pequenas” desfrutam de um atrativo que as cidades grandes não possuem.

A cidade de Nova Veneza é um exemplo desse tipo de cidade. Hoje ela está se beneficiando por ter se mantido uma cidade pouco desenvolvida no passado. Graças à característica de cidade pequena, com poucos habitantes e com uma natureza ainda preservada se comparada com outras cidades, Nova Veneza passou a ser uma cidade turística. As construções antigas juntamente com a cultura italiana que ainda é cultivada por muitos habitantes descendentes de italianos passou a ser um atrativo da cidade.

Além da cultura italiana que é uma característica forte na cidade, Nova Veneza também atrai visitantes pelas belezas naturais que ainda mantém preservada. Se um dia essa mesma paisagem natural era tida como uma característica do atraso, hoje devido aos graves problemas ambientais que a humanidade vem passando, ela passou a ser vista com outros olhos. Além disso, esse tipo de paisagem é vista por muitos como um refugio da agitada vida das cidades grandes.

REFERÊNCIAS

ARNS, Otília. **Criciúma 1880-1980**: “A semente deu bons frutos”. IOES: Florianópolis, 1985.

BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições no processo de colonização no Sul do Estado de Santa Catarina**. Brasília, 1991.

BORTOLOTTI, Zulmar H. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza, Prefeitura Municipal, 1992.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BUBLITZ, Juliana; CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Terra de promessa**: uma história da colonização do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2006.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de educação, 1968.

COUTINHO, João José. Fala dirigida a Assembléia Legislativa da província de Santa Catarina, por ocasião da abertura da sua sessão ordinária em 1º de março de 1852. Cidade do Desterro. Disponível em <<http://www.crl.edu/content.asp?l1=4&l2=18&l3=33&l4=22>>. Acesso em 18 de mar. 2008.

DALL’ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina**. Caxias do Sul: EDUCS/EST/LUNARDELLI, 1983.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: A história e a devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DESMATAMENTO. **Jornal Gazeta Lagunense**. Laguna, 14 de set. 1893. P. 1

LARANJEIRA, Raymundo. **Colonização e reforma agrária no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LOURENÇO, Fernando Antonio. **Agricultura ilustrada**: Liberalismo e escravidão nas origens da questão agrária brasileira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

MARQUES, Monsenhor Agenor Neves. **Imigração Italiana. Edição Comemorativa do Centenário de Urussanga. 1878-1978**. Urussanga: Gráfica Ribeiro, 1978.

MARTINS, Marcos Lobato. **História e Meio Ambiente**. Minas Gerais: Annablume, 2006.

MARZANO, Luigi; tradução de João Leonir Dall'Alba. **Colonos e missionários na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC / Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.

METROPOLITANA. Diário da administração da colônia Nova Veneza em Santa Catarina, 1891.

MIRRA, Crispim. **Terra Catharinense**. Typ. da livraria Moderna, Florianópolis, 1920.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). 2^o ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

PONTING, Clive. **Uma História verde do mundo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995.

SCHIMIDT, Felipe. Mensagem apresentada ao congresso representativo em 22 de julho de 1901. Florianópolis: Typ. Aldina. Disponível em <<http://www.crl.edu/content.asp?l1=4&l2=18&l3=33&l4=22>>. Acesso em: 18 de mar. 2008.

SELAU, Mauricio da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no Sul Catarinense (1875-1925): Resistência e Extermínio**. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SZMRECSÁNYI, Tamás. **Pequena história da agricultura no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1990.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FONTE ICONOGRÁFICA

WEINGARTNER, Pedro. 1893. Disponível em: <http://www.defender.org.br/iphan-avalia-patrimonios-historicos-de-nova-veneza>. Acesso em: 15 out. 2009.